



Desde a década de 60, os Estados Unidos efetuam diversas missões espaciais destinadas à exploração de alguns planetas do Sistema Solar, e em particular o quarto astro, Marte. Em 1972, a NASA iniciou, com a sonda Mariner 9, uma série de expedições sistemáticas em busca de informações e dados sobre o Planeta Vermelho. Entretanto, em tais viagens ocorriam vários incidentes, todos explicados pela NASA com informações contraditórias. Uma das primeiras descobertas efetuadas por esse órgão norte-americano, e divulgada através de uma foto, foi a região marciana conhecida como Quadrângulo de Eliseu, onde predominava dois pares de estruturas piramidais tetraédricas. Um era constituído de peças muito grandes, cujas dimensões superavam às da planície de Gize, no Egito. O outro era formado por pirâmides menores, dispostas aparentemente de forma romboidal.

A ausência de posteriores imagens levou a NASA a desmentir tudo, sugerindo que se tratava de uma aberração ótica devido a fenômenos naturais. No entanto, tal comunicado foi rebatido por dois professores em um estudo publicado numa revista científica norte-americana. Eles propuseram quatro teorias explicativas possíveis para as imagens, mas tais teses não convenceram os estudiosos da agência espacial. Nos anos seguintes, outros pesquisadores escreveram artigos contrapondo as explicações dos professores. Entre eles estavam os astrônomos Francis Graham e David Chandier que, baseando-se no fato das estruturas terem sido fotografadas com diferentes luminosidades e sob diferentes angulações, e ainda assim apresentando sempre a mesma forma, sugeriram que as imagens representassem construções artificiais. Chandier chegou a afirmar que eram "construções de seres inteligentes no planeta Marte."

No Quadrângulo de Eliseu encontra-se ainda uma insólita formação com raios que se estendem por uma espécie de abertura central causada, segundo a NASA, pela fusão e desabamento de incessantes camadas de gelo. Se o desenho da formação for observado de cabeça para baixo evidencia-se as características de um moderno aeroporto com um centro circular e longas estruturas de acesso aos embarques. Mas como isso é possível no solo do Planeta Vermelho, que a própria NASA já constatou ser árido e desprovido de vida?

Missão Viking - Em 1976, as sondas norte-americanas denominadas Viking I e 2 enviaram imagens do hemisfério setentrional de Marte, onde eram visíveis algumas estruturas anômalas. Na região denominada Cydonia notou-se a

presença de diversas formações misteriosamente simétricas para serem tidas como naturais. Entre elas sobressaía-se uma estranha construção com cerca de 2 km de largura e 50m de altura, semelhante a um rosto humano, com o olhar fixo para o alto. Próximo deste havia um complexo de três pirâmides de base quadrangular e diferentes dimensões. As formações apresentavam inacreditáveis semelhanças com as pirâmides e a esfinge situadas na planície de Gize. Como era previsível, a NASA não publicou tal descoberta, limitando-se a dizer que eram apenas luzes e sombras... Felizmente,, após minuciosas análises, Vincent Di Pietro e Gregory Molenaar, ambos engenheiros eletrônicos, divulgaram a existência das misteriosas estruturas marcianas, contrariando a NASA e causando grande polêmica.

Os dois consultaram os arquivos fotográficos do National Space Center e conseguiram estabelecer a exata altitude em que estava a sonda Viking I sobre a região de Cydonia, no momento do registro fotográfico, além de exporem importantíssimas informações que serviram para derrubar a possível natureza geológica das referidas estruturas, confirmando serem artificiais. De qualquer modo, as pesquisas de Di Pietro e Molenaar foram totalmente ignoradas pela comunidade científica internacional e pela própria NASA, como era de se esperar. Em seguida, outros cientistas também refutaram a possível origem natural das estruturas anômalas presentes em Cydonia, como Mark J. Carlotto, da Analytic Sciences Corporation. Carlotto transformou-se num grande defensor da tese de que a NASA estaria enganando a opinião pública quanto ao assunto. Foi ele quem desenvolveu, através das mesmas fotografias analisadas por Molenaar e Di Pietro, um modelo tridimensional do rosto marciano descobrindo que este prescindia do ângulo de incidência da luz solar sobre a superfície do planeta. Ou seja: fosse qual fosse a angulação da luminosidade, ainda assim o rosto teria o mesmo formato, sem distorções comuns a formações geológicas naturais.

Além disso, a presença de demais formações na mesma região de Marte, tais como as pirâmides, uma denominada "Fortaleza" e outras construções de aspecto nitidamente artificiais, aumentaram a hipótese de que esses complexos não eram formações geológicas causadas por erosão ou o que quer que fosse. *"Têm que ser artificiais,"* argumentou Carlotto. Quem também detende essa tese é o jornalista norte-americano Richard Hoagland e seu grupo de pesquisa, a Mars Mission. Há tempos Hoagland iniciou com sua equipe uma série de estudos detalhados sobre as singulares estruturas de Marte. Ele colocou em evidência as diversas relações significativas entre as suas posições recíprocas, as dimensões e as orientações, e comprovou a enorme complexidade de tais estruturas. *"As medidas envolvidas nas construções tomam impossível classificá-las de coincidências ou obras do acaso,"* afirmou. Hoagland demonstra ainda que as seis pirâmides existentes em Cydonia e o rosto esculpido seriam na realidade os restos de um grande conjunto edificado em Marte há cerca de 500 mil anos, segundo um complexo código matemático desenvolvido por cientistas.

Pirâmides em Marte - Além disso, o estudioso descobriu que a estrutura mais importante naquela área não era a face, mas uma pirâmide pentagonal com um eixo de simetria bilateral na direção do rosto, que Hoagland chamou de D&M, em homenagem aos pesquisadores Di Pietro e Molenaar. Carlotto trabalhou com as mesmas imagens e obteve uma resolução ainda mais precisa da pirâmide, analisando especificamente três fotogramas obtidos por vias indiretas da NASA. Um deles mostra claramente uma estrutura que tem cinco lados, dos quais os dois opostos são levemente mais longos que os outros e dotados de simetria bilateral. À direita da pirâmide encontra-se uma cratera com um diâmetro reduzido, mas cuja profundidade parece notável porque não se avista seu fundo. Sobre a borda do buraco observa-se duas formas similares às das cúpulas.

Tal complexidade morfológica é fruto do inacreditável código matemático defendido por Hoagland e em parte decifrado pelo técnico do Pentágono Errol Torun, especialista do Serviço Cartográfico do Ministério da Defesa dos EUA. Torun foi encarregado pelo governo de investigar as estruturas no solo marciano, com a intenção de desmentir oficialmente a origem artificial à qual Hoagland e outros eram favoráveis. Entretanto, Torun mudou de idéia e alinou-se aos que sustentam a existência de uma antiga civilização em Marte, sobre a qual a

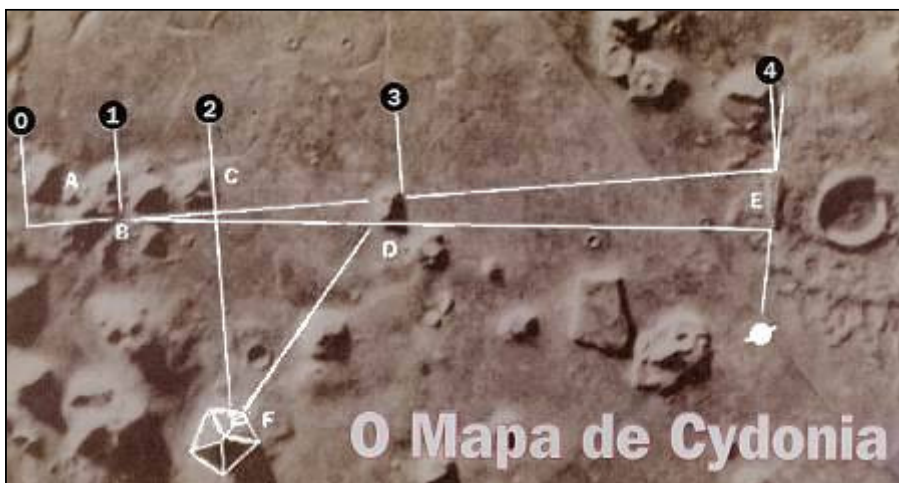
agência espacial norte-americana teria conhecimento e estaria omitindo-o do mundo. O estudioso, depois de minuciosos exames, excluiu qualquer hipótese de origem natural para os achados, afirmando que não se conhecia fenômeno morfológico em condições de dar início a uma pirâmide pentagonal em qualquer lugar do Sistema Solar. *"Uma estrutura similar não existiria nem em Marte, nem na Terra, e muito menos em outros planetas de nosso sistema"*, afirmou Torun. Cydonia era, portanto, um concentrado de fenômenos artificiais. Mas quem construiu tais monumentos e por quê?



O Robô Sojourner estacionado sob o solo árido de Marte, onde fez prospeções em busca de formas de vida - não confirmadas. O aparelho foi levado ao planeta pela Mars Pathfinder, que remeteu novas fotografias de sua superfície (no detalhe). A sonda não ajudou a esclarecer o mistério da face

Contudo, a descoberta mais surpreendente que Torun efetuou foi que a estrutura piramidal pentagonal não só foi edificada segundo as divisões áreas empregadas por Leonardo Da Vinci no conhecido desenho do homem dentro do círculo, mas também que os ângulos, as distâncias e as constantes matemáticas encontradas na pirâmide D&M são as mesmas existentes em toda a região de Cydonia - uma geometria que Hoagland definiu como tetraédrica. Ele chegou a essa conclusão graças ao trabalho desenvolvido pelo estudioso Stanton Tenen, que conseguiu encontrar as bases do cálculo que seria a origem da construção da pirâmide D&M através do estudo da geometria empregada na

construção de alguns templos sagrados terrestres, tais como: Teotihuacan (México), Gize (Egito), Stonehenge (Inglaterra), etc. De fato, se uma pirâmide triangular é posicionada com a ponta voltada para o pólo norte de uma esfera, os ângulos a tocam na faixa de 19,5° de latitude. Numerosos templos antigos da Terra estão colocados sobre a faixa de 19,5° de latitude, assim como sólidas estruturas geológicas, como por exemplo os vulcões do Havaí. Supõe-se também que a marca escura de Netuno, os vulcões extintos de Vênus, o sinal vermelho na superfície de Júpiter, o grande vulcão Olympus em Marte e a porção mais ampla das marcas solares se encontram todos a 19,5° norte ou sul de latitude. Coincidência?



OS DETALHES do mapa da região de Cydonia, em Marte. A razão da distância entre os lados oeste e leste da Cidade Marciana, seu Centro e o Penhasco é exatamente de 1:2:4:8 - uma confirmação definitiva da origem artificial do monumento, segundo os cientistas.

A A chamada "Cidade Marciana", conforme as fotos obtidas pela sonda Viking em 1976. Está localizada bem no centro da

Existem leis astrofísicas por nós ainda desconhecidas? Segundo Hoagland, nas dimensões e em conexão com a posição da pirâmide D&M estaria guardada uma mensagem enigmática, um código com o poder de colocar-nos em contato com forças desconhecidas ligadas aos corpos esféricos giratórios. Em diversos laboratórios estariam sendo executadas pesquisas, sempre mantidas como segredo militar, sobre esses tipos

de fenômenos. Dentre os pesquisadores envolvidos nestes projetos está o físico Bruce De Palma, do Massachusetts Institute of Technology (MIT). De Palma e outros cientistas sustentam que entre os corpos giratórios acontece uma troca de energia e que a rotação abra uma espécie de "porta" para uma outra dimensão, de onde proviria uma força de natureza elétrica coerente. Essa troca de energia entre as duas dimensões estaria sempre à latitude de 19,5°, o que para De Palma poderia conduzir à realização de sistemas tipo antigravidade, viagens cósmicas através de portais dimensionais e, finalmente, ser utilizada como uma fonte de energia inesgotável. Em síntese, seria aquela fabulosa tecnologia em poder dos seres que nos visitam com suas máquinas voadoras que chamamos de UFOs.

Condições meteorológicas - Esse raciocínio, segundo pesquisadores como Di Pietro e Molenaar, seria um tanto fantasioso. Eles preferem manter os pés no chão e ater-se exclusivamente às descobertas confirmadas. Hoagland também é tido como exagerado por muitos de seus colegas, alguns dos quais defendem a teoria da artificialidade das construções marcianas, sem no entanto elocubram a respeito... No entanto, uma investigação sobre a hipótese de De Palma foi feita em 1989, quando a Voyager 2 passou perto de Netuno. O mundo científico norte-americano e internacional ficou desconcertado com os dados transmitidos pela sonda, tanto que reformulou todas as possibilidades feitas até o momento sobre o planeta. Netuno não se apresentava como um descampado de gelo nos limites do Sistema Solar, como se imaginava, mas como um pântano de metano com excêntricas condições meteorológicas, atravessado por fortíssimos ventos na ordem de 2.000 km/h. O oitavo astro de nosso sistema resulta um verdadeiro enigma para os astrofísicos, pois emana uma quantidade de energia três vezes superior do que àquela recebida pelo Sol. Uma resposta ao porquê de tal anomalia, segundo Hoagland, viria somente através das hipóteses de De Palma. Dessa maneira, as estruturas presentes na região de Cydonia encerrariam o conhecimento ou a ciência daquilo que une o mundo, o segredo de uma energia livre e infinita que no futuro o homem poderia ter à disposição.

Hoagland também destaca que as formas mágicas da geometria tetraédrica podem ser encontradas nos célebres e tão discutidos círculos feitos nas plantações de grãos do sudoeste da Inglaterra [Ver UFO edições 61 e 65, entre outras]. Estas formações, que demonstram ser correspondentes em formato e características às da região de Cydonia, aparecem com frequência em algumas zonas do planeta, especialmente a enigmática construção medieval de Silbury Hill e Avebury, ambas situadas a cerca de 100 km a sudoeste de Londres.

Nestas duas localidades existem formações aparentemente naturais e regiões megalíticas ligadas por uma misteriosa relação geométrica com duas das estruturas existentes em Marte. À leste do enigmático rosto de Cydonia encontra-se uma espécie de anel e uma colina de forma cônica denominada Tholus, com 170m de altura e 1,5 km de diâmetro. Completamente diferente das outras regiões circunstantes, Tholus é perfeitamente circular e plano, parecendo ser contornado por um terraplano. Se observada atentamente, nota-se nessa colina cônica a incrível semelhança de sua singular estrutura com montes artificiais de origem pré-histórica localizados no continente norte-americano e europeu. Silbury Hill é um exemplo.

Outra característica marcante de Tholus é a presença de uma espécie de estrada em forma de espiral similar àquela que antigamente levava ao topo de Silbury Hill. Esta última é a mais famosa entre as colinas artificiais da Inglaterra, sendo, na verdade, o maior morro construído pelo homem em toda a Europa. Ao norte de Silbury Hill encontra-se o círculo megalítico de Avebury, onde estão situados dois círculos, seguindo um ângulo de desvio no sentido norte-oeste de 19,5°. Coincidentemente, ao norte de Tholus também existe uma cratera em forma de anel com duas protuberâncias na parte superior, localizada na mesma posição em que aparece o círculo de Silbury Hill. Hoagland adverte que se grande parte da área de Avebury fosse destruída, o que restaria seria suficiente para traçar paralelos com a área de Cydonia. *"Se o mapa topográfico de Marte for sobreposto sobre o de Avebury será possível perceber que se encontram na mesma posição a pirâmide pentagonal D&M do planeta e o formato pentagonal de um terreno ao*

longo da localidade inglesa, " defende o jornalista.

Na mesma sobreposição nota-se ainda que o rosto de Marte coincide perfeitamente com uma porção de território que vai da rodovia A4, ao norte de Beckhampton, até a oeste, numa área onde se localiza uma grande região pré-histórica da Inglaterra - estes são locais endêmicos de surgimento de círculos misteriosos nas plantações, que não se manifestam dessa forma em nenhum outro lugar do planeta. Mas as analogias não terminam por aí. A famosa jarda, unidade de medida da cultura megalítica, equivale precisamente a 2,72 pés ingleses (cerca de 90 cm), um valor constante nos monumentos de Marte. Outra coincidência? Este número também está presente no sítio arqueológico de Stonehenge, disposto na direção norte-leste da mesma região e com uma angulação de 49,6°, o que corresponde à geometria de Cydonia.

O aspecto mais incrível e surpreendente decorrente dos estudos de Hoagland e de seu grupo é que na zona de Avebury e Stonehenge, depois que a sonda Viking conseguiu fotografar a região marciana de Cydonia, o fenômeno dos círculos nas plantações de grãos se manifestou com muito maior frequência e continuidade. Esse tipo de manifestação foi objeto de estudo de Colette Dowell, colaboradora de Hoagland que, através das análises sobre modelos de círculos, constatou que quase todos eram desenhados com as unidades de medida da geometria de Cydonia. Dowell analisou, entre outras formações, uma em formato triangular surgida em Barbury Castie em 16 de julho de 1991 e conhecida como a "mãe de todos os círculos." A formação consistia em um perfeito tetraedro de onde foi tirada a mais completa seleção de dados idênticos àqueles extraídos do estudo de Cydonia. Diversos valores foram obtidos a partir da análise feita por Dowell. Dentre eles destaca-se o número 49,6°, que é o ângulo anterior de sustentação da pirâmide D&M e a angulação do eixo de Stonehenge.

Assim, tem-se a demonstração evidente de que o círculo surgido em Barbury Castie é o equivalente terrestre da pirâmide pentagonal D&M de Marte. Portanto, como textualmente afirmou Hoagland, "...nossa incessante investigação em Cydonia em relação com os círculos nas plantações confirmou a insólita suspeita de que a mesma geometria daqueles que há meio milhão de anos marcaram com figuras extraordinárias o solo marciano também, finalmente, desceram ou retomaram à Terra." Exagero?



O Rosto Marciano segundo fotografia enviada pela sonda Viking. Abaixo, fotos do mesmo objeto na superfície do planeta, enviadas pela sonda Mars Global Surveyor. A NASA teria retocado as imagens para impedir que se confirmasse sua origem artificial

Sonda Phobos - No mês de julho de 1988, a ex-União Soviética enviou para Marte duas sondas denominadas Phobos 1 e 2. A tarefa principal de ambas as missões era recolher dados, fotografar a superfície de Marte e sucessivamente prosseguir para Phobos, uma das duas luas do planeta. No entanto, a primeira sonda saiu do controle da base na Terra por causa de um erro na emissão de dados no computador de bordo. Somente a Phobos 2 conseguiu chegar até Marte, em janeiro de 1989, e colocar-se em órbita paralela com a lua marciana. O objetivo principal naquele momento era alinhar a sonda com o pequeno satélite e analisá-lo detalhadamente com a ajuda de sofisticados aparelhos que seriam colocados sobre a sua superfície. Mas isso não ocorreu e, em março daquele ano, o centro de controle da missão soviética anunciou ter problemas de comunicação com a sonda. Os mesmos órgãos de informação diminuíram a gravidade do acontecimento afirmando que estavam operando para restabelecer os contatos com a Phobos 2. No entanto, cientistas norte-americanos e europeus, associados ao programa soviético, foram comunicados através de canais não oficiais sobre a efetiva natureza do problema: algo impedia o contato da sonda com o controle da

missão na Terra. Mas o que seria? Alguns dias depois, porém, enquanto a opinião pública era tranqüilizada com a alegação de que os contatos estariam sendo restabelecidos, um alto oficial da Glavkosmosa, a agência espacial soviética, insinuou que na realidade não se tinha nenhuma esperança em recuperar a sonda...



O Estranho objeto elíptico fotografado pela sonda Phobos 2, quando se aproximava de Marte e antes de cessar comunicações com o centro de operação

Surgiram várias especulações sobre o quê realmente estava acontecendo com a Phobos 2, quando os órgãos de informação começaram a divulgar as notícias. A que mais surtiu repercussão foi a nota publicada por um conhecido jornal espanhol através de seu correspondente de Moscou. O texto trazia a seguinte redação: *"O noticiário televisivo Vremya revelou que a sonda espacial Phobos 2, que estava orbitando em torno de Marte, fotografou um objeto não identificado sobre a superfície do planeta, alguns segundos antes de perder o contato com a base terrestre. Os cientistas definiram como inexplicável a última foto transmitida pela sonda, na qual se via claramente uma sutil elipse, um fenômeno que não podia ser uma ilusão ótica, porque foi fotografado com a mesma clareza tanto por objetivas coloridas como por*

infravermelhas." Legítimas também foram as interrogações que nasceram por causa dessa declaração. Quais imagens estavam transmitindo a Phobos 2 quando se verificou o incidente? Sobretudo, o que havia causado a desestabilização da sonda - uma avaria técnica ou um agente externo?

As respostas não tardaram a chegar. Pressionadas pelos participantes internacionais da missão Phobos, que pediam esclarecimentos sobre o ocorrido, as autoridades soviéticas forneceram o registro da transmissão televisiva que a sonda havia enviado nos seus últimos momentos de operação, exceto as gravações finais efetuadas poucos segundos antes que os contatos se interrompessem. Os desenhos visíveis da superfície marciana foram filmados com aparelho infravermelho, que capta objetos a partir do calor que irradiam, e não com a simples objetiva ótica das sondas. Em poucas palavras, a grande rede de linhas paralelas e de retângulos que aparecia naquela seqüência e cobria uma área de cerca 600km quadrados, emitia radiações térmicas incomuns. Ademais, seria impensável que um fenômeno natural pudesse produzir um desenho geométrico tão perfeito. O único ponto obscuro para os cientistas, no entanto, era não saber exprimir um parecer sobre a efetiva natureza de tal formação.

Além da gigantesca rede surgida nas imagens, o filme mostrava um perfil escuro que podia ser descrito como uma sutil elipse com as margens muito nítidas, com pontas aguçadas em vez de arredondadas. As margens não eram confusas e resultavam perfeitamente claras em relação a uma espécie de halo sobre a superfície de Marte. Segundo o doutor John Becklake, do Museu Científico Britânico, a sombra podia pertencer somente a algo colocado entre a sonda soviética em órbita e o planeta, pois era possível vê-la sobre a Superfície. Além disso, o objeto foi filmado tanto pela máquina ótica como pela infravermelha, o que elimina qualquer eventualidade de mal funcionamento. Becklake explicou que a imagem foi feita enquanto a sonda se alinhava com a lua Phobos, e acrescentou: *"Os soviéticos viram alguma coisa que não deveria estar ali e não forneceram ainda a última fotografia daquilo, para assim podermos imaginar do que se trata."*

Astronave gigantesca - Entretanto, em junho de 1990 a pilota de caças Marina Poppovich [Candidata a cosmonauta, mas sem nunca ter ido ao espaço], durante uma conferência realizada na Alemanha, difundiu para alguns pesquisadores diversas informações subtraídas de alguma forma dos cofres científico-militares da ex-URSS. Poppovich confirmou a existência do primeiro indício certo da presença de uma nave-mãe extraterrestre estacionada em nosso Sistema Solar. E mostrou duas fotografias que seriam, segundo ela, as duas últimas imagens obtidas pela sonda Phobos 2 antes de perder o contato. As fotos mostravam a lua

marciana Phobos ao fundo e, em primeiro plano, algo de forma alongada. Tal objeto tinha a aparência de uma astronave gigantesca e cilíndrica, com cerca de 20 km de comprimento e 1,5 km de diâmetro, que parecia dirigir-se para a sonda espacial soviética, deixando atrás de si um rastro. A Phobos fotografou esse objeto em 25 de março de 1989, conforme afirmou Poppovich, "...e depois de transmitir a imagem para a Terra desapareceu misteriosamente," concluiu. Os soviéticos consideraram que tivesse sido destruída ou colocada fora de uso por uma espécie de impulso de energia... Mesmo assim, segundo alguns estudiosos, tal astronave podia ser o objeto que nas imagens precedentes registradas pela sonda teria projetado a insólita sombra elipsoidal sobre a superfície de Marte. Por isso, alguma coisa de anormal aconteceu na órbita da lua Phobos e sua superfície apresentava evidentes anormalidades que deixaram perplexos os cientistas soviéticos.

Phobos tem características particulares que no passado levaram diversos pesquisadores a supor que pudesse tratar-se de um corpo celeste artificial. Uma de suas principais peculiaridades é um fato que transgride uma regra própria de todos os outros satélites do Sistema Solar, a de girar em torno de seus planetas mais lentamente do que estes giram em torno de seus próprios eixos. A Lua, por exemplo, efetua um giro num período de tempo em que a Terra cumpre 27 rotações. Phobos, ao contrário, realiza uma verdadeira competição de velocidade com Marte - o dia no Planeta Vermelho dura 24:27 h, enquanto o giro do satélite é de 07:39 h! Em todo o Sistema Solar, Phobos é o único satélite que apresenta essa anormalidade. Além do mais, a luz produzida pela lua marciana é muito forte e brilhante para ser um reflexo de material rochoso, material que normalmente compõe todos os satélites, como a Lua, por exemplo.

Os astrônomos definiram Phobos como "uma revolução retrógrada da Ciência" e criaram muitas hipóteses para explicar sua luminosidade - alguns afirmam que o satélite possui muito material de origem metálica em sua superfície. Olhando-a atentamente, por sinal, não se pode deixar de notar particulares sulcos ou ranhuras que prosseguem quase paralelos um ao outro. A largura destes sulcos é quase uniforme, entre 230 e 330 m. A possibilidade de que estes sinais sejam atribuídos a fenômenos naturais, escavados por água corrente ou por rajadas de vento, por exemplo, foi amplamente excluída, dado que em Phobos tais condições simplesmente não existem! Essas marcas parecem, que se dirigem ou se derramam de uma cratera que cobre mais de um terço do diâmetro da lua, na qual as margens circulares são perfeitas. Os cientistas soviéticos acreditam que, em geral, há alguma coisa de artificial em Phobos por causa da sua primorosa órbita em torno de Marte, pois, além de todas estas anormalidades, os dois astros ficam bastante próximos um do outro, o que desafia qualquer lei de movimento celeste conhecida.

Lua artificial - Já na década de 60, os pesquisadores notaram que Phobos tinha um movimento de aceleração em sua órbita em torno de Marte. Tal descoberta levou os soviéticos a sugerirem que a lua marciana era mais rápida do que suas dimensões deixavam supor. O físico I. S. Shklovsky lançou, em 1959, uma inacreditável hipótese: Phobos seria oca em seu interior. Segundo o cientista, suas evidentes anomalias eram explicáveis somente desse modo. *"Um corpo cósmico pode ser oco? Tal suposição parece absolutamente descartável, mas é necessário concluir que Phobos seja de origem artificial. Talvez, o mesmo pode-se dizer sobre o outro satélite marciano, Deimos, mesmo sendo suas anomalias menos evidentes"*, conclui Shklovsky. Questionado sobre o tamanho das duas possíveis luas marcianas, se artificiais, ele afirmou que as massas de ambas poderiam ser da ordem de centenas de milhares de toneladas ou mais. Shklovsky disse ainda que a criação de satélites de semelhantes proporções não representava um problema completamente insolúvel para a Ciência. *"Não está longe o tempo em que a teoria sobre a origem artificial dos satélites de Marte sairá do estado das possibilidades. Brevemente ela será confirmada ou então será dada uma convincente explicação para as misteriosas estranhezas dos satélites marcianos"*, completou o cientista.

Shklovsky não foi o único a propor uma teoria do gênero. Outros pesquisadores soviéticos lançaram suas hipóteses sobre a possível origem artificial de Phobos.

Inevitáveis e inúmeras foram as críticas feitas contra tais teses, mas um artigo publicado na revista científica Nature mencionava a recente descoberta de que Phobos era muito menos densa do que se supunha - seu interior devia ser vazio ou constituído de gelo. O texto também mencionava os misteriosos sulcos, definindo-os como "galerias" cujas paredes seriam constituídas por um material mais brilhante, encontrado na superfície da lua. O fato mais importante do artigo, no entanto, era a descoberta de novas galerias sobre o satélite. Na área à oeste da sólida cratera surgiram novas "estradas" que não estavam presentes quando a Mariner 9 e as sondas Viking efetuaram as fotos da pequena lua marciana. Considerando-se que em Phobos não existe atividade vulcânica, não tem tempestades de vento, nem chuva, nem água que escorra, de que modo se originaram aquelas marcas? A solução para o enigma foi encontrada no mesmo motivo que levou à intrigante perda das sondas espaciais soviéticas e sucessivamente, e de modo mais insólito, a norte-americana Mars Observer.

Em 25 de setembro de 1992 foi lançada do Centro Espacial de Cabo Kennedy, nos EUA, a sonda espacial Mars Observer. Definida como de quinta geração, sofisticadíssima e em condições de orientar-se automaticamente, o aparelho foi concebido não somente para explorar Marte de maneira mais detalhada, mas também para observá-lo por um longo período. Dentre suas tarefas previstas estava a de refazer os levantamentos fotográficos da região de Cydonia. Infelizmente, depois de onze meses de cruzada pelo espaço, em 21 de agosto de 1993 - três dias antes do início da exploração do Planeta Vermelho -, a sonda cessou de transmitir dados ao Laboratório de Propulsão a Jato (JPL), de Pasadena, na Califórnia.



Ares Vallis - Em 25 de agosto, após várias tentativas de ativar os contatos, a NASA anunciou oficialmente a perda da Mars Observer. Ninguém estava em condições de saber o que realmente havia acontecido, nem mesmo o porta-voz oficial do JPL. Os engenheiros do projeto ficaram perplexos, pois na realidade a sonda foi programada para colocar-se automaticamente em posição de segurança

caso seus sensores computadorizados notassem qualquer anomalia. Em tal situação, todos os instrumentos seriam excluídos, exceto um transmissor que, podendo empregar toda a potência disponível, continuaria a transmitir informações para a base na Terra.

No entanto, nada disso aconteceu e a missão falhou inexplicavelmente. Sobre a NASA surtiram diversas acusações, entre as quais a de ter deliberadamente sabotado a missão quando se detectou algo anômalo que pudesse vir a comprometer a manutenção do segredo sobre estes assuntos, imposto pelas autoridades norte-americanas. Essa hipótese foi feita por Richard Hoagland e seu grupo, o *Mars Mission*, que afirmaram que a agência espacial norte-americana alegou a paralisação da sonda como forma de evitar a divulgação das reais informações que ela continuava a obter de Marte e de uma possível nave-mãe. Durante uma conferência à Imprensa, a equipe de Hoagland declarou a existência de um grupo especial entre os altos dirigentes da NASA que estava - e ainda está - tentando de todas as formas possíveis ocultar as desconcertantes descobertas efetuadas na superfície marciana. Marte nunca deixou de maravilhar os pesquisadores por tudo que já foi mostrado através das imagens e dados fornecidos pelas missões norte-americanas, entre elas a Pathfinder e a Mars Global Surveyor. Revelar segredos agora pareceu ser insuportável para a agência. Mas por quê?...

Com a expedição da Pathfinder, que durou de 1996 a 1997, os pesquisadores esperavam obter a definitiva confirmação ou o desmentido da natureza artificial das estruturas presentes na região de Cydonia. No entanto, tal expectativa não foi atendida. A sonda aterrissou numa zona desértica denominada Ares Vallis e, juntamente com o robô Sojourner, registrou diversas anomalias no Planeta Vermelho. Uma dessas era a presença de colinas distantes cerca de 2 km da Pathfinder e denominadas Twin Peaks [Picos gémeos]. Segundo Hoagland, as montanhas eram de natureza artificial, pois o relevo do morro à direita resultava idêntico ao da esquerda, exceto pelo cume. Em seu topo podia-se distinguir uma espécie de subestrutura, além do que o cume de uma das colinas de Twin Peaks apresenta disposição interna parecida com as cavidades de uma colmeia de abelhas, "... o que leva a supor tratar-se de restos de grandes núcleos habitacionais," propôs o jornalista. "*Estas instalações assemelham-se surpreendentemente às estruturas terrestres encontradas no sítio arqueológico de Machu Pichu, no Peru,*" concluiu.

Quando essa notícia chegou ao conhecimento público, a NASA retirou imediatamente de sua rede de teleinformática e de suas páginas na Internet as fotos das duas colinas. Ainda assim, posteriormente a equipe de Hoagland encontrou evidentes e intrigantes anomalias nas várias fotos tiradas pelo Sojourner, o que constitui um indício de uma possível manipulação da agência com os negativos obtidos em Marte. Tal censura seria, segundo o pesquisador, "... a enésima demonstração da existência de uma ferrenha política de acobertamento sobre a presença de arte fatos de origem extraterrestre no Planeta Vermelho." Esta possibilidade emergiu também a partir das declarações feitas em 1996 pelo diretor da NASA, Daniel Goldin, alguns dias antes do lançamento da Mars Global Surveyor. A sonda decolou em 7 de novembro de 1996, munida de sofisticados equipamentos com o propósito de mapear a superfície de Marte. Em seu discurso sobre o fato, Goldin, quando questionado sobre a eventual possibilidade de fotografar novamente aquelas estruturas, afirmou que a agência sabia que em Marte jamais poderia ter existido civilização alguma...

Se analisado atentamente o complexo de dados e as imagens fornecidas pela sonda, a hipótese da NASA resulta decididamente concreta. Não resta dúvidas disso! Ocorre, entretanto, que as informações e imagens difundidas pela agência apresentam características de terem sido manipuladas. A polêmica é grande. As informações divulgadas pelo órgão em abril de 1998 levaram a opinião pública norte-americana a duvidar da

Existem pirâmides no planeta Marte?



possibilidade artificial da face humanóide da esfinge e das estruturas piramidais presentes em Marte. Com base nas imagens obtidas da Mars Global Surveyor, apresentadas aparentemente manipuladas, os dirigentes da NASA declararam que a estrutura do rosto humano na superfície marciana simplesmente não existia. Ou melhor, que seria na verdade apenas uma normal e prosaica formação geológica, resultado de ilusórios jogos de luzes e sombras favorecidas pela escassa determinação das imagens fornecidas pela antiga Viking. Dinamite pura!

Hipótese artificial - Ao contrário do que se esperava, no entanto, a justificativa da NASA para as insólitas estruturas existentes em Marte rendeu muito e foi longe. Tentou-se colocar uma pá de cal sobre o assunto e sepultá-lo para sempre, mas o resultado obtido foi justamente o inverso. Mark Carlotto, que como Hoagland acredita na origem artificial das formações, expressou fortes dúvidas acerca de algumas imagens transmitidas pela Surveyor.

"Nas cenas fornecidas pela Viking, em 1976, a impressão de um rosto humano era inconfundível. Porém, se iluminado por baixo, parece menos evidente. Muitas das características transmitidas por essa sonda também podem ser revistas nas fotos da Surveyor, mas nestas o rosto apresenta-se gravemente corroído", afirma Carlotto. "Isso é muito incomum e suspeito, sob o ponto de vista de uma análise fotográfica." O cientista concluiu que possuindo perfeita simetria, precisão na borda e traços lineares no cume da face em Marte, dificilmente tais fatos pudessem mesmo ser explicados geologicamente. Contudo, antes de emitir parecer final, restam diversas questões que necessitam de respostas.

A primeira delas refere-se aos traços faciais. Se estes existem, a probabilidade de que tal formação seja realmente um rosto aumenta grandemente. Mas a pergunta mais importante diz respeito às imagens de alta revelação que se assemelham aos outros complexos na região de Cydonia. Por exemplo, o lineamento e a regularidade geométrica nas paredes da estrutura conhecida como Fortaleza pode ter uma explicação geológica óbvia, assim como a disposição de quatro pequenos relevos sistematizados numa espécie de "praça", a grande formação regular chamada de Pirâmide Principal. Esses objetos, tendo na forma relevantes características geométricas, poderiam ter conservado relativamente a própria arquitetura inicial para serem suficientemente reconhecíveis em condições de notável deterioramento. As imagens emitidas pela Surveyor em abril de 1998 mostram estruturas de aspectos naturais, consideradas como resultantes de um processo geológico normal, sem que se pudesse confirmar uma possível origem artificial das referidas formações.

Pesquisadores como Richard Hoagland e Tom Van Flandem sustentam a artificialidade de todos os complexos existentes em Cydonia, e não apenas de alguns. De acordo com Van Flandem, doutor em Astronomia pela Universidade de Yale, as mais recentes imagens do rosto, divulgadas e maquiadas pela NASA, ainda assim não negam em nada sua origem artificial. Em um pronunciamento, declarou que *"... com base nas fotos da Mars Global Surveyor, assim como nas velhas imagens da Viking, o rosto apresenta características como regularidade, angularidade e simetria, que corroboram todas as conclusões baseadas na hipótese da artificialidade da estrutura,"* disse. Tais sinais seriam a presença de cavidades nasais, de uma boca abaixo do nariz, os cílios acima da cavidade ocular, uma pupila, uma espécie de chapéu sobre a testa e uma quase completa ausência de elementos estranhos ou que contribuam para limitar o aspecto da face. *"Sem deixar margens para dúvidas, acredito que o rosto marciano é de natureza artificial,"* finaliza o cientista, contrapondo-se radicalmente ao que alega a NASA. Polêmica maior impossível.

Uma minuciosa análise de algumas fotos da Pirâmide Principal tiradas pela Surveyor revelaram-na com a aparência de uma pequena montanha, onde embaixo predominam pequenos cômodos estratificados - estranhas estruturas angulares e simétricas. Segundo Staniey McDaniel, porta-voz da Sociedade para Pesquisas Planetárias (SPSR), existe ainda uma peculiar estrutura à nordeste da pirâmide que necessita de investigação geológica. Um outro objeto próximo tinha o formato de um quadrado quase perfeito dentro de uma cratera circular. Para

Hoagland, uma das fotografias oferece impressionante evidência de artificialidade. *"Ela revela cavidades do tamanho de quartos em vários níveis sob a superfície erodida da Pirâmide Principal"*, afirmou. Através de outras imagens descobriu-se também o chamado Quarteirão de Cydonia, também conhecido como a "praça" e situado no centro do complexo de monumentos marcianos. A formação é constituída por quatro pequenas estruturas piramidais que não são nem uniformes, nem simétricas - têm aparência de vidro, foram elaboradas com uma evidente alta tecnologia e estão totalmente em ruínas.

Documento oficial - Foram descobertas também outras formações de natureza suspeita ou sobre cuja origem não se tem explicação convincente. Mesmo assim, a Surveyor não foi capaz de confirmar ou desmentir, definitivamente, a possível origem artificial das estruturas existentes em Cydonia. É óbvio nosso direito de questionar se a NASA não estaria escondendo o que a sonda registrou. Se é verdade, quais razões a levam a fazer isso? As respostas, como Hoagland afirma, encontram-se num documento oficial, cuja existência é desconhecida do público, denominado *Brookings Report*. Este relatório foi redigido em 1958, durante a presidência de Eisenhower, que havia acabado de criar o que viria a ser a NASA de hoje. Segundo o documento, a agência deveria providenciar a mais vasta colheita de dados registrados durante as missões espaciais para depois divulgá-las à população norte-americana e ao mundo inteiro. Mas, na realidade, atrás dos bons propósitos com que aparentemente foi lançado este projeto, a opinião pública tomava conhecimento de poucas informações. Uma comissão formada por uma equipe de experts em vários campos foi encarregada de redigir um documento particular, que recebeu o título de *Proposta de Estudo Sobre a Aplicação de Atividades Espaciais Pacíficas Para os Interesses Humanos* ou *Brookings Report*.

O trecho mais significativo deste relatório chama-se *Implicações em Caso de Descoberta de Vida Extraterrestre* e diz que *"...os arte fatos deixados num determinado ponto no tempo, por formas de vida pertencentes ou não ao Sistema Solar, poderão ser descobertos através das nossas atividades espaciais na Lua, em Marte e Vénus."* Hoagland argumenta que, se a NASA descobrisse e revelasse qualquer coisa alienígena, isso implicaria em problemas no sistema social terrestre. Ele afirma ainda que a agência é contraditória, pois possui propósitos de honestidade e abertura, mas redige um documento que nega essa intenção. O *Brookings Report* discute ainda qual seria o papel dos cientistas e das "pessoas do poder", a partir do momento em que se constatasse qualquer indício de vida extraterrestre. *"A conduta da agência, como é até hoje, é de ocultamente dos fatos para a sociedade,"* garante Hoagland. *"Os grupos detentores do poder, segundo o documento, poderiam ser os mais devastados pela descoberta e revelação aã existência de criaturas inteligentemente superiores a nós. Isso significaria a anulação político-militar e científico-religiosa dos governos mundiais,"* afirma sem restrições, no que é concordado com ufólogos de todo o mundo. As avaliações do relatório não consideram as repercussões positivas que a descoberta de vida alienígena teria sobre a população do nosso planeta, mas visam unicamente proteger a própria rede de personagens e privilégios pessoais adquiridos por eles.

Nesse ponto da discussão resta resolver a interrogação sobre a origem das estruturas marcianas. Hoagland propôs algumas hipóteses a respeito. Ele afirma que na Terra pode ter existido uma civilização precedente à nossa, que desenvolveu o vôo espacial e se dirigiu para Marte, construindo algumas obras para depois, por alguma razão, extinguir-se. Dessa maneira, segundo o pesquisador, descobrir-se-ia a herança terrestre. Sua segunda teoria retrata uma civilização proveniente de muito longe, de centenas de milhares de anos-luz de nós, que alcançara o Sistema Solar e desembarcara em Marte, construindo aquelas obras e um monumento *"para aquele ser primitivo que um dia se transformaria no ser humano."* Em ambos os casos, Hoagland afirma que uma catástrofe teria forçado a população marciana a abandonar o próprio planeta para transferir-se a um outro: a Terra. O cientista diz ainda que o objetivo principal do rosto de Marte é criar nos terráqueos a consciência de que não são os únicos no Universo, mas que outros seres deixaram um sinal - as formações marcianas -

para que a Humanidade da Terra refuta e alcance a harmonia entre o desenvolvimento tecnológico e espiritual.

Cristóforo Barbato é historiador e pesquisador da revista italiana UFO - La Visita Extraterrestre. Seu endereço é Via Molino I, 1824, 63019 Santo Elpidio a Maré, Itália. Este texto foi traduzido por Ana Paula Penha Borges, da Equipe UFO.

O que pensam os especialistas

Horace Crater

Analisando-se as imagens feitas pela Viking e pela Surveyor a respeito das formações de Marte pode-se tirar algumas conclusões. Sobre o chamado Quarteirão, ou "praça", observa-se que apenas cinco dos doze pequenos montes que eram vistos nas fotografias da Viking estão presentes nas fotos obtidas pela Mars Global Surveyor - três dos quais facetados grosseiramente e dois simétricos ao redor de um eixo. Com relação à esfinge percebe-se simetria semelhante a uma cabeça humana, sendo notável uma cavidade ocular e a possibilidade da existência de uma outra. É bastante perceptível a aparência facial da estrutura. As fotografias de ambas as sondas foram tiradas mais ou menos por cima da cabeça, de um ângulo elevado. Mas, nas da Viking, uma das faces está oculta pela sombra do Sol, enquanto que com a Surveyor o Sol permanecia à leste e o ângulo de visão da câmera era em torno de 45 graus, realçando um grande número de detalhes não presentes nas primeiras imagens, de 1976. São necessários profissionais - um artista ou um perito forense - que saibam julgar os traços faciais no rosto humanóide, mesmo que os pesquisadores percebam esses sinais. O que dificultou as coisas no início foi que a primeira imagem produzida pelo Laboratório de Propulsão a Jato (JPL) foi realçada de maneira a parecer que a esfinge havia sido esmagada por um pé. Como o fator da erosão não pode ser descartado, argumentos que relacionam traços individuais a estruturas naturais sejam talvez uma conclusão precipitada. Por outro lado, esses indícios poderiam ter mais força se alguém apontasse para outros locais semelhantes, que se mostram erodidos individualmente. São imprescindíveis mais imagens - em particular as feitas por sobre a cabeça ou tomadas do lado leste e, de preferência, que o Sol esteja à leste - para um julgamento definitivo a respeito.

Horace Crater é professor da Universidade do Tennessee e um dos autores de *The Cause for the Face* e de *Configurações dos Montículos na Planície Marciana*.

Vincent Di Pietro

Notam-se algumas falhas nas análises das fotografias da esfinge em Cydonia. O lado que está iluminado pelo Sol nas fotos da Viking aparece nas fotos da Surveyor na escuridão. Portanto, muito pouco detalhe pode ser visto, a menos que um contraste extenso seja feito para revelar algum sinal. As imagens da primeira sonda foram tiradas diretamente sobre a cabeça marciana, a 90 graus na vertical, tendo a esfinge sido registrada totalmente centralizada. O outro aparelho fotografou a ângulo lateral do monumento, num deslocamento de 45 graus para a vertical. O primeiro indício para esta perspectiva angular foi observado na forma alongada da pequena cratera localizada no lado inferior esquerdo da face - na Viking esta formação era redonda, sendo que a curvatura pouco pronunciada do terreno sugeria uma superfície suavemente curva. Observa-se também uma estreita porção representando menos de 25% do lado direito. Enfim, as fotos da Viking e as da Surveyor têm características extremamente diferenciadas entre si, talvez por circunstâncias dos vôos e missões das duas sondas, talvez por manipulação dos fatos pela NASA. Há vários detalhes encontrados na área acima das sobrancelhas. Esta inclui uma espécie de X, que está centrado acima do nariz, além de um objeto vertical dividindo este e outros ornamentos neste local. Acredito firmemente que a imagem feita pela Surveyor no ângulo de 45 graus rende muito pouco em termos de dados adicionais sobre a porção central da esfinge e não soma nada ao conhecimento do lado que nós nunca vimos. A

fotografia é proveitosa somente na verificação da simetria bilateral da estrutura, no contorno da área do "cabelo" desta e na simetria dos objetos encontrados na "testa". Se imagens adicionais não forem produzidas pela sonda norte-americana ou outra espaçonave, acredito que o rosto de Marte ainda não possa ser considerado como obra natural.

Vincent Di Pietro é autor de *Traços Incomuns na Superfície Marciana, que tomou-se livro de referência sobre a polémica de Marte e os monumentos de Cydonia*.

Mark Birdsall

A Mars Global Surveyor da NASA está agora engajada em focalizar algo em torno de 200 lugares que são considerados de interesse científico em Marte. Os pesquisadores de Cydonia analisaram as últimas imagens em alta resolução, que mostram uma cratera desconhecida no hemisfério sul do planeta, com diâmetro de 50 km e vestígios de ser um grande reservatório de água. Há duas surpreendentes características geomórficas na cratera. A primeira é que sua parede [foto] mostra algo semelhante a vestígios de um leito de água corrente. Há também o contato do material iluminado da parede com os do solo escuro, que se supõe, pela formação de baías e penínsulas, que sejam sinais de um reservatório de água. No entanto, outro fluido que não a água poderia ser responsável pelas imagens captadas pela última missão da NASA ao planeta, ainda que a agência relute em admirar qualquer anormalidade de nas diversas fases de S exploração de nosso planeta vizinho.



Não é primeira e nem será a última vez que estudiosos olharão Marte com suspeita. Desde a descoberta das peculiaridades do satélite Phobos é que estudiosos vêm notando que o Planeta Vermelho é uma inesgotável fonte de mistério. E isso é espantoso para o homem terrestre por um motivo prosaico: nós mal começamos a explorar o Universo, limitando-nos a enviar alguns poucos homens à Lua e naves não tripuladas a Marte, e já notamos que não sabemos absolutamente nada sobre o espaço que nos circunda. Se em Marte já observamos tamanha quantidade de incongruências e estranhos vestígios, imaginem quando formos capazes de viajar a mundos mais distantes da Terra?

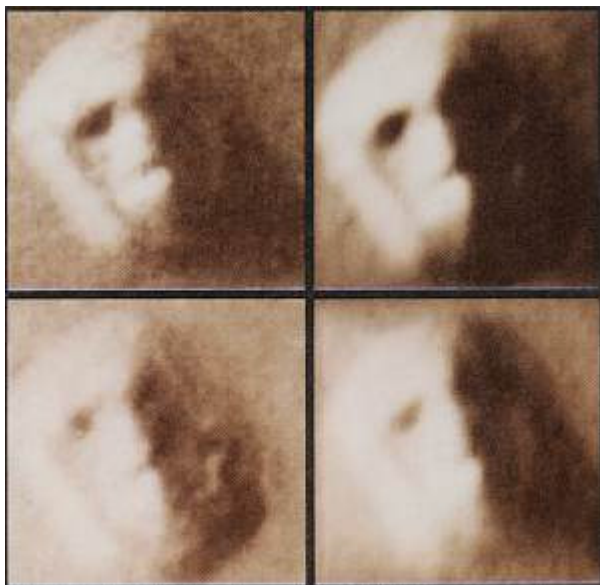
Mark Birdsall ; conferencista bro do grupo ufológico *Quest International* e funcionário da publicação inglesa *UFO Magazine UK*.

A polémica sobre o rosto marciano

Graham W. Birdsall

A sonda Mars Global Surveyor, da NASA, tirou suas primeiras fotos da misteriosa esfinge marciana em 05 de abril de 1998 - 22 anos depois das obtidas pela Viking, em 1976. As novas fotos têm resolução 10 vezes mais nítida que as anteriores. No entanto, o famoso rosto de Marte aparece nas imagens apenas como cordilheiras e crateras. "A foto mostra as paisagens como sendo simplesmente rocha remanescente de erosão, moldada por vento ou água. Qualquer um que voasse sobre o local reconheceria que a esfinge é natural", declarou Alden Albee, um dos cientistas que examinou as fotografias no Laboratório de Propulsão a Jato (JPL), da Califórnia. Estava ateado o fogo às discussões. A divulgação da nova foto de Cydonia acendeu um debate feroz, pois os cientistas da agência espacial norte-americana compararam-na com tudo, exceto a uma esfinge registrada pela Viking.

Segundo Michael Ravine,
diretor de projetos avançados



A Face Marciana vista com a aplicação de efeitos especiais que realçam suas características nitidamente artificiais

do Sistema de Ciências do Espaço Malin (MSSS), "...o rosto parece apenas uma elevação em forma de tabuleiro. São formações rochosas naturais, nada que tenha sido construído por alguma inteligência." Já Michael Carr, geólogo do departamento de Inspeção Geológica Americano, em Menlo Park, Califórnia, declarou que "a área captada está numa zona de transição entre uma velha região de crateras e uma recente planície baixa. Rochas oriundas da antiga formação foram impelidas até a planície e a face é uma delas." Estaria encerrado o debate sobre a origem artificial da esfinge

marciana? Parece que não, tanto que o geólogo James L. Erjavel discutiu a conclusão da NASA de que a esfinge e outras formações da região teriam sido causadas por erosão diferencial. Erjavel citou o *Relatório Mc-Gill*, de 1989, daquele mesmo órgão, que concluiu que Cydonia já esteve coberta por 1 km de sedimento erodível que teria sido dispersado por fortes ventos marcianos, deixando um terreno que é a combinação de resíduos desenterrados de uma cratera de planalto e ígneo intrusivo. Como prova, comparou Cydonia a uma área de cratera à leste, pois ambas mostram claramente definidas esse tipo de formação de impacto, com diâmetros de 1 km ou mais.

Dimorfismo peculiar - No entanto, essa região possui um expressivo número de pequenas crateras menores que 1 km de diâmetro e Cydonia não tem nenhuma desse tamanho. "Este dimorfismo sugere que há uma diferença distinta entre terrenos de crateras e outros que não podem ser considerados se a ocorrência de forças erosivas fosse o fator principal no desenvolvimento morfológico da área", sintetizou o estudioso.

O pesquisador Richard Hoagland, da *Mars Mission*, disse que as imagens da Mars Global Surveyor são falhas - chegando apenas com 80 dos 266 tons de cinzas possíveis. "É como olhar para uma tela de chuviscos", concluiu. No caso da esfinge, detalhes importantes da estrutura estavam confusos, deixando inexplicada a permanente questão se o rosto tinha traços simétricos em ambos os lados. Entretanto, divergindo de Hoagland, outros cientistas admitiram que os sinais da superfície mostrados nas fotografias podem ser o resultado de geologia natural e erosão, e consideraram as mesmas como honestas e não retocadas, como checkou o jornalista. David Watanabe, do grupo Exoscience, considera que todas as fotografias enviadas pela sonda indicam que não há nenhum sinal de artificialidade. "Estas formações são, até onde podemos observar, naturais", afirmou.

"Nas imagens da Viking de 1976, a impressão de um rosto era evidente. Mas hoje, iluminada de baixo, a esfinge parece menos extraordinária", disse o doutor Mark Carlotto em sua análise preliminar das imagens da Surveyor. Carlotto notou que certas linhas nessas fotos ainda sugerem artificialidade ou um contorno mal definido, previamente descrito como "capuz" ou "elmo" envolvendo a imagem e aparentando ser uma plataforma bem nítida. Já o pesquisador Tom Van Flandern possui outra posição sobre o assunto: "As feições faciais humanas que chamam a atenção são confirmadas pela foto, mesmo com luz fraca e ângulo pobre de visão. A imagem da cabeça é uma combinação simétrica do ângulo linear direito e das formas em torno, o que sugere uma forte origem artificial." Ele diz que outras paisagens são incomuns e levantam mais perguntas que respostas. "Nada, em qualquer superfície do Sistema Solar, nem mesmo na Lua, sugere artificialidade

em grau comparável," sacramentou.

Graham Birdsall é editor da revista inglesa *UFO Magazine UK*. Seu endereço é:
Wharfebank House, Business Centre, Ilmey Road, Otley near Leeds, LS213JP
Inglaterra.

Fonte: "Revista UFO nº 66"

